

## Índice

Nota do Autor	7
Capítulo Primeiro	
I. Quem era eu e quem era ela	11
II. Pedido de casamento	19
III. O mais generoso dos homens, mas eu próprio não acredito	25
IV. Planos e mais planos	29
V. A submissa rebela-se	35
VI. Uma recordação horrível	43
Capítulo Segundo	
I. Sonho de orgulho	49
II. O véu caiu de repente	57
III. Compreendo demasiado bem	65
IV. Atrasei-me apenas cinco minutos	71

## I

### Quem era eu e quem era ela

... Enquanto ela aqui estiver, ainda está tudo bem: aproximo-me e vejo-a a cada minuto; mas amanhã levam-na — e como vou eu ficar sozinho? Agora está na sala, em cima da mesa, juntaram duas mesas de jogo, e a urna virá amanhã, branca, revestida de seda branca, mas não é disso que se trata... Não paro de andar para cá e para lá e quero compreender tudo isto. Há já seis horas que procuro compreender e ainda não consegui ordenar as ideias. É que não paro de andar, andar, andar de cá para lá... Eis como as coisas se passaram. Vou simplesmente contar por ordem. (Ordem!) Senhores, eu não sou literato, longe disso, o que se vê bem, mas deixá-lo, conto as coisas como as compreendo. E todo o meu horror está em que compreendo tudo!

Se querem pois saber, quer dizer, para começar desde o princípio, ela veio então apenas à minha loja empenhar umas coisas para pagar a publicação de um anúncio no jornal *A Voz*, dizendo que tal e tal, preceptora, aceitaria deslocar-se e dar lições em casa, etc., etc. Isso foi logo no princípio, e eu,

é claro, não a distinguia das outras: vinha, como as outras, e assim. Mas depois passei a achá-la diferente. Era franzina, muito loira, de estatura mediana; comigo era sempre desajeitada, como que envergonhada (penso que era assim com todos os estranhos, e eu, naturalmente, para ela tanto fazia, era como os outros, quero dizer não como penhorista, mas como homem). Assim que recebia o dinheiro, virava costas e ia-se embora. E sempre calada. As outras discutem, fazem perguntas, regateiam para que lhes dêem mais; esta, não: era o que lhe davam... Acho que estou a perder o fio... Sim, aquilo que mais me tinha impressionado eram as suas coisas: uns brincos de prata dourada, um pequeno medalhão de nada — não valiam um pataco. Ela mesma sabia que o valor era reduzido, mas eu via pela sua cara que para ela eram objectos preciosos — e com efeito era tudo o que lhe restava do pai e da mãe, como depois fiquei a saber. Apenas uma vez ousei sorrir das coisas dela. Porque, compreendem, eu nunca tomo essas liberdades, com o público conservo o tom do *gentleman*: poucas palavras, cortesia e severidade. «Severidade, severidade e severidade.» Mas de repente ela permitiu-se trazer os restos (isto literalmente) de um velho casaco de pele de lebre — eu não me contive e disse-lhe um qualquer gracejo. Senhores, como ela se inflamou! Tinha uns grandes olhos azuis, meditativos, mas como se incendiaram! Não disse nem uma palavra, agarrou nos «restos» e saiu. Foi então que pela primeira vez reparei nela *especialmente* e pensei sobre ela qualquer coisa desse género, quero dizer qualquer coisa de tipo especial. Sim: lembro-me também da impressão, isto é, se quiserem, da impressão principal, a síntese de tudo: em concreto, que ela era terrivelmente jovem, tão jovem que teria uns catorze anos. E, no entanto, tinha já

então dezasseis anos menos três meses. Mas não era isto que eu queria dizer, não é isso de modo nenhum a síntese. No dia seguinte voltou. Fiquei a saber depois que já tinha ido ao Dobronrávov e ao Moser com aquele casaco, mas esses só aceitam ouro e recusaram logo. Aceitei dela uma vez um camafeu (uma coisinha imprestável) e depois, quando pensei no caso, fiquei admirado: eu também não aceito nada além de ouro e prata, e dela aceitei um camafeu. Este foi o meu segundo pensamento sobre ela, lembro-me disso.

Dessa vez, quer dizer, quando ela veio do Moser, trouxe uma boquilha de âmbar para charutos — uma coisinha bastante jeitosa, de amador, mas que para nós também não vale nada, porque para nós é só o ouro. Como ela vinha assim depois da sua *revolta* da véspera, acolhi-a com severidade. Para mim, a severidade é *secura*. Mas, ao entregar-lhe os dois rublos, não me contive e disse com alguma irritação: «Sabe, se eu faço isto, é só por ser para si. O Moser não lhe aceitará uma coisa como esta.» Sublinhei em especial as palavras *para si*, dando-lhes precisamente um *certo sentido*. Estava danado. Voltou a ruborizar-se ao ouvir esse *para si*, mas ficou calada, não largou o dinheiro, aceitou-o — o que é a pobreza! Mas como se ruborizou! Compreendi que a magoara. E depois de ela sair perguntei de repente a mim mesmo: «Este triunfo sobre ela valerá realmente dois rublos?» Ah, ah, ah! Lembro-me de que repeti essa pergunta duas vezes: «Valerá? Valerá?» E, rindo, respondi a mim mesmo afirmativamente. Muito me diverti dessa vez. Mas não era um sentimento mau: eu tinha um propósito, uma intenção; queria experimentá-la, porque de repente começaram a fermentar em mim algumas ideias a respeito dela. Esse foi o meu terceiro pensamento *especial* sobre ela.

... Bem, foi aí que tudo começou. É claro que procurei de imediato informar-me indirectamente de todos os pormenores da sua situação e esperei a sua vinda com especial impaciência. Porque pressentia que viria em breve. Quando ela veio, iniciei uma conversa amável, com uma cortesia invulgar. Porque eu sou bem-educado e tenho boas maneiras. Hum. Foi então que me apercebi de que ela era bondosa e meiga. As pessoas bondosas e meigas não resistem muito tempo e, embora não se abram muito, não são capazes de fugir à conversa: respondem com parcimónia, mas respondem, e quanto mais se avança mais dizem, só precisamos de não nos cansar, se precisamos. É claro que nessa altura ela não me explicou nada. Só mais tarde fiquei a saber sobre o jornal *A Voz* e tudo o resto. Nessa altura ela estava já nos seus últimos recursos para publicar o anúncio, e começara, como é natural, com arrogância: «Preceptora, aceitaria deslocar-se, enviar condições pelo correio», e depois: «Aceita todas as condições, ensinar, dama de companhia, olhar pela casa, tratar de doente, também sei costura», etc. etc., tudo isso é conhecido! É claro, isto era acrescentado ao anúncio em retoques sucessivos e já para o fim, já perto do desespero, até «sem salário, pela alimentação». Não, ela não encontrou colocação! Decidi então experimentá-la uma última vez: pego de repente n'*A Voz* e mostro-lhe um anúncio: «Jovem, órfã, procura colocação como preceptora de crianças pequenas, de preferência junto de viúvo de certa idade. Pode ajudar no governo da casa.»

— Está a ver, esta publicou o anúncio hoje de manhã, e certamente à tarde já arranjou lugar. É assim que se deve anunciar!

De novo se ruborizou, de novo os seus olhos se incendiaram, voltou costas e saiu. Isso agradou-me muito. De resto,

eu então estava já seguro de tudo e não tinha receio: ninguém receberia as boquilhas. E ela nem boquilhas tinha já. E assim foi: dois dias depois chegou toda pálida, muito perturbada — compreendi que alguma coisa acontecera em sua casa, e assim era. Já vou explicar o que aconteceu, mas agora quero apenas lembrar como então a surpreendi e cresci aos seus olhos. A intenção surgiu-me assim de repente. Porque ela trouxe aquela imagem (resignara-se a trazê-la)... Ah, oiçam! Oiçam! É agora que tudo começa, até aqui tenho estado enredado... O caso é que agora quero recordar todos os pormenores, todos os traços. Quero reunir as minhas ideias e não consigo, mas esses pequenos traços, esses pequenos traços...

Uma imagem da Virgem. A Virgem com o Menino, um ícone doméstico, familiar, antigo, com chapa de prata dourada, valeria, digamos, valeria uns seis rublos. Vejo que a imagem lhe é muito querida, vai empenhar todo o ícone, sem retirar a chapa. Digo-lhe: era melhor tirar a chapa e levar a imagem consigo; de qualquer modo, a imagem é assim um tanto...

— Mas isso é proibido?

— Não, não é que seja proibido, mas, talvez a menina...

— Bem, pois tire-a.

— Sabe, eu não vou tirá-la, mas ponho-a ali no nicho — disse eu depois de reflectir — com os outros ícones, por baixo da lamparina (eu tinha sempre uma lamparina acesa, desde que abria o guiché), e aqui tem, simplesmente, dez rublos.

— Não preciso de dez, dê-me cinco, eu resgato-o sem falta.

— E não quer dez? A imagem vale isso — acrescentei, notando que os olhos dela de novo cintilavam. Ficou calada. Entreguei-lhe cinco rublos.

— Não despreze ninguém, eu próprio já me vi em tais dificuldades e até piores, e se agora me vê nesta actividade... é depois de tudo aquilo por que passei...

— Vinga-se da sociedade? É isso? — interrompeu ela de repente com um sorriso bastante mordaz, que tinha, aliás, muito de inocente (quero dizer de modo geral, porque então ela decididamente não me distinguia dos outros, de modo que o disse quase sem intenção de ofender). «Aha!», pensei eu, «olha como tu és, o teu carácter revela-se, uma nova orientação.»

— Compreende — observei de imediato, meio a brincar, meio em confidência —, eu sou uma parte dessa parte do todo que quer fazer o mal, e que faz o bem...

Ela lançou-me um olhar rápido e cheio de curiosidade, em que havia no fundo muito de infantil:

— Espere... Que pensamento é esse? De quem é? Já ouvi isso em qualquer parte...

— Não quebre a cabeça, é nestes termos que Mefistófeles se apresenta a Fausto. Leu o *Fausto*?

— Não... não com muita atenção.

— Quer dizer que não o leu. É preciso lê-lo. De resto, vejo outra vez nos seus lábios uma ruga trocista. Por favor, não me atribua tão mau gosto que queira, para embelezar o meu papel de penhorista, apresentar-me como Mefistófeles. Um penhorista é apenas um penhorista. Isso é sabido.

— O senhor é um pouco estranho... Eu não quis de modo nenhum dizer nada disso...

Ela queria dizer: «Não esperava que o senhor fosse um homem instruído»; não disse, mas eu sabia que ela o pensava; eu tinha-lhe agradado espantosamente.

— Sabe — observei —, em todas as actividades se pode fazer o bem. Não falo de mim, como é natural, digamos que eu não faço mais nada se não o mal, mas...

— Claro, em qualquer lugar se pode fazer o bem — disse ela, com um olhar rápido e intenso. — Exactamente em qual-

quer lugar — acrescentou de repente. Oh, lembro-me, lembro-me de todos esses instantes! E quero ainda acrescentar que quando essa juventude, essa simpática juventude, quer dizer alguma coisa assim inteligente e intenso, logo deixa ver no rosto com demasiadas sinceridade e ingenuidade que «Atenção, aquilo que agora te digo é inteligente e intenso» — e não por vaidade, como nós, mas de maneira tal que logo se vê que dá um valor extremo a tudo aquilo e acredita, e respeita, e pensa que também nós, como ela, respeitamos. Oh, sinceridade! E é assim que eles vencem. E como isso era adorável nela!

Lembro-me, não me esqueci de nada! Quando ela saiu, decidi imediatamente. Nesse mesmo dia fiz as últimas investigações e soube todos os restantes segredos da sua vida presente; os segredos anteriores, já os conhecia todos através de Lukéria, que então servia em casa delas e que eu já subornara alguns dias antes. Esses segredos eram tão horríveis que não compreendo como podia ela ainda rir, como há pouco, e interessar-se pelas palavras de Mefistófeles, vivendo sob um tal horror. Mas quê, a juventude! Foi isto mesmo que então pensei dela com orgulho e com alegria, porque isto é a generosidade: pois mesmo à beira da ruína, as grandes palavras de Goethe resplandecem. A juventude é sempre generosa, mesmo que seja pouco e mesmo que seja num sentido errado. Quer dizer, eu falo dela, só dela. E, principalmente, nessa altura já olhava para ela como minha e não duvidava do meu poder. Sabem, esse é um pensamento voluptuoso, quando já não duvidamos.

Mas que tenho eu? Se continuo assim, quando conseguirei fazer o ponto de tudo? Depressa, depressa — não é nada essa a questão, meu Deus!